

NIETZSCHE, A CRÍTICA AO ANTIQUARIANISMO E UMA NOVA HISTÓRIA DOS VALORES¹²

Raylane Marques Sousa (UnB)³

Eduardo Ferreira Chagas (UFC)⁴

marques.raylane@gmail.com; ef.chagas@uol.com.br

Resumo: O objetivo mais geral de nosso artigo é examinar a crítica de Nietzsche ao antiquarianismo e suas relações com a genealogia. Ocupar-nos-emos, primeiramente, com a crítica de Nietzsche à erudição e à história antiquária do século XIX e sua centralidade no pensamento do filósofo, em que história aparece não como simples atividade de erudição e pesquisa antiquária, mas como saber a serviço da vida. Debruçar-nos-emos, em seguida, sobre a ideia de que Nietzsche é um opositor do antiquarianismo, argumentando acerca de sua defesa do modelo de história crítica, que enfatiza as noções de esquecimento, justiça e rompimento com pedaços do passado. Procuraremos esboçar, por fim, uma análise da premissa que deu início a este nosso estudo, qual seja, o de que o deslocamento de Nietzsche de questões que passam e se manifestam por formas de escrita e pesquisa da história antiquária ainda praticada em seu tempo e em direção à história crítica propicia, como alternativa plausível, a criação de uma nova história dos valores que, em nossos próprios termos, denominamos de “história genealógica e afirmadora da vida”.

¹ Recebido: 24-01-2018/ Aceito: 07-09-2018/ Publicado online: 01-02-2019.

² Este artigo é uma versão do trabalho desenvolvido no curso Ideias, Historiografia e Teoria 2, ofertado pelo Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo, no Programa de Pós-Graduação em História da UnB. No curso, o professor procurou debater e responder a uma série de questões teóricas, metodológicas e epistemológicas associadas à relação entre História e Antiquarianismo. Mencionaremos algumas delas conforme avançamos na discussão, mas o nosso foco é a relação de Nietzsche com o modelo de história antiquária praticado em seu tempo. Apresentamos o material relacionado com esta versão do artigo como trabalho final da referida disciplina. Agradecemos ao Prof. Dr. André Gustavo de Melo Araújo pelas proveitosas discussões.

³ Raylane Marques Sousa é Doutoranda em História pela Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

⁴ Eduardo Ferreira Chagas é Professor de Filosofia da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil.

Palavras-chave: Antiquarianismo. História crítica. História genealógica e afirmadora da vida.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo de todo o seu pensamento, Nietzsche expressa profunda inquietação pelo problema da história e de nossa relação com o passado. Mais especificamente no período considerado de juventude, o qual abrange a famosa segunda *Consideração Intempestiva*: “Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida”, obra publicada em fevereiro de 1874, Nietzsche se dedica a investigar os modelos de conhecimento do passado que ele distingue na cultura europeia do século XIX. Os três modelos de história que ele observa – uma das discussões fulcrais dessa *Intempestiva* – são estes: a história monumental, a história tradicionalista (também chamada de história antiquária) e a história crítica. A história monumental significa o mergulho no passado em busca de modelos e mestres que sirvam de inspiração para o homem no presente. Nesse primeiro caso, o passado é tomado como digno de imitação e reprodução no presente. A história tradicionalista (ou antiquária) expressa o espírito piedoso do homem moderno que faz com que o seu olhar se direcione sempre para o passado com intenção de coletar e preservar objetos antigos para a sociedade vindoura. A história crítica caracteriza-se pela sua força de implodir o passado. A sua função é jogar o passado diante do grande tribunal da história para inquiri-lo, julgá-lo e finalmente condená-lo como condição de sobrevivência. Nessa terceira experiência do conhecimento histórico, trata-se de quebrar o passado para dar espaço ao presente, pois no julgamento do passado o presente impõe sua potência e vivacidade e, com isso, serve à vida (NIETZSCHE 2005). Na verdade,

Nietzsche se volta para análise dessas três formas de praticar história em seu tempo com duas intenções bem delimitadas: primeiro, no período considerado de juventude, para demonstrar as virtudes e os defeitos de uma historiografia baseada nessas formas de conhecimento do passado; e, segundo, no período considerado de maturidade, para desenvolver outra forma de reflexão histórica: a genealógica, uma forma original e que valoriza, acima de tudo, a vida. De forma ousada, o que procuraremos mostrar aqui é que esse novo modo de historicidade articula elementos positivos de duas dessas concepções de história: a história tradicionalista e a história crítica⁵. Mas está, ao mesmo tempo, para além delas. Dois dos aspectos positivos da história tradicionalista seriam estes: 1) A noção de preservar coisas para aqueles que nascerão, para que criem raízes profundas com a comunidade na qual vivem e tenham um passado que absova e justifique a sua existência (NIETZSCHE 2005, p. 91-93); e 2) O fino faro para traços quase apagados e a competência de ler o texto mais emendado do passado (os palimpsestos) (NIETZSCHE 2005, p. 92). Os outros aspectos positivos da história crítica seriam estes: 1) A noção de esquecimento como uma capacidade para quebrar e desagregar partes do passado (NIETZSCHE 2005, p. 96-97); 2) A noção de justiça como uma potência vital capaz de arrastar o passado e colocá-lo diante de um tribunal para interrogá-

⁵ Examinamos o tipo nietzschiano de história monumental e suas relações com a genealogia e uma nova história dos valores em outro lugar. Para saber mais, ver: SOUSA, Raylane Marques. *A historiografia como problema: Nietzsche e a história magistra vitae, a história científica e a história genealógica e afirmadora da vida*. 2016. 210p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Não pretendemos negar a importância do tipo nietzschiano de história monumental ao não trazê-lo para o âmbito desta discussão, contudo, para seguir com os nossos objetivos, optamos por deixá-lo de fora e só observar os tipos nietzschianos de história antiquária e história crítica e suas conexões com a genealogia e uma nova história dos valores.

lo e condená-lo como condição de sobrevivência (NIETZSCHE 2005, p. 96); e 3) A noção de que somos rebentos de gerações anteriores, somos resultados de seus excessos, de seus vícios, de suas paixões, de suas falhas e transgressões, por isso é necessário o rompimento com pedaços desse passado (NIETZSCHE 2005, p. 97). Tanto esse novo tipo de história genealógico que pensaremos aqui quanto os tipos tradicionalista e crítico têm em comum a preocupação com a tendência epigônica de relacionamento com o passado e a ligação deste com a vida. Essas duas palavras (passado-vida) aparecerão com frequência aqui e darão o tom final deste nosso artigo.

Para não comprometermos a percepção e o sentido da argumentação, e por acharmos o termo mais adequado, no decorrer deste artigo, adotaremos a expressão história antiquária/antiquarista/antiquarianista para indicar o tipo de história tradicionalista, suas práticas e representações. Aliás, por que a substituição do termo é pertinente para o desenvolvimento desta hipótese historiográfica? Em nível de interpretação, essa permuta é relevante para a compreensão da nova história genealógica de Nietzsche. Explicaremos, a partir do conceito de história antiquária e do conceito de história crítica, como justamente Nietzsche formulou a sua história genealógica, o que a distingue e o que a aproxima dessas duas outras formas de história. Alguns comentadores privilegiam os tipos monumental e crítico e esquecem, no entanto, do tipo antiquário, isso quando não o tomam como um tipo totalmente coerente de representação do passado. A investigação sobre esses três tipos de historiografias em Nietzsche, empreendida por Foucault, por exemplo, exhibe esse problema com clareza. Conferindo supremacia à história crítica, Foucault atribui a esse modo a responsabilidade de

realização da “história efetiva” e da genealogia nietzschianas. Um dos nossos objetivos é deslindar, portanto, as virtudes e os defeitos do tipo específico de história antiquária e como ele aparece na visão de Nietzsche, relacionando-o com os tipos de história crítica e aquela a que chamamos de genealógico e, dessa maneira, desenvolvendo um quadro argumentativo que dê sentido a essa nova forma de historicidade. Outro objetivo é o de mostrar que esse novo modelo de historicidade, que emerge dessa exposição, tem como finalidade a afirmação da vida.

Antes de adentrarmos no cerne de nossa problemática, achamos prudente esclarecermos três pontos que completam o nosso percurso argumentativo: em primeiro lugar, o sentido do termo antiquarianismo: certa forma de fazer história que emerge na Europa Moderna nos séculos XVI, XVII e XVIII e que persiste até meados do século XIX. Discutiremos Antiquarianismo e História como campos distintos e em oposição, concentrando nossa atenção nas diferenças entre essas duas práticas de abordagem e atitudes diante do passado. Empenhar-nos-emos em entender, especialmente, as distintas formas com as quais os antiquarianistas e os historiadores se relacionam com o passado. Isso é relevante para a defesa de nossa tese em vários sentidos. Citaremos apenas um. Tornou-se cada vez mais evidente, durante o século XIX, que não havia razões para distinguir os “estudos antiquários” dos “estudos históricos” e que o trabalho do antiquário estava fora de moda e o antiquarianista estava morto⁶. Nietzsche, no entanto, insiste nessa diferenciação e

⁶ A historiografia dedicada a pensar as relações entre História e Antiquarianismo ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, então inaugurada pelos estudos de A. Momigliano, vê o antiquário com bons olhos e a prática antiquarianista como importante para os estudos históricos. Já a historiografia dedicada a pensar essas relações na passagem do século XVIII para o século XIX em diante vê

coloca a pesquisa erudita e a pesquisa histórica do passado em compartimentos separados. Por que Nietzsche não considera o trabalho do antiquário como história? Por que ele toma o antiquário apenas como um amante, um colecionador cego e um estudante defeituoso de vestígios do passado?⁷

o antiquário como mero colecionador de coisas velhas e sem importância vital e a prática antiquária como estando fora de moda ou morta. Sobre o sentido positivo do antiquarianismo e da prática antiquária, bem como a sua utilidade para os estudos históricos, consultar: MOMIGLIANO, Arnaldo. *Ancient History and the Antiquarian*. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*. Vol. 13, n. 3/3, 1950, p.285-315; _____. *The Classical Foundations of Modern Historiography*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1990, p. 48-79. Sobre as transformações antiquárias ao longo do século XVIII e início do século XIX, o século XVIII como o último grande século antiquário e o século XIX como o século de marginalização da prática antiquária, momento no qual a própria palavra tornou-se sinônimo de “amador, provincial, local ou simplesmente pesquisador pobre, em contraposição ao pesquisador científico, profissionalizado e institucionalizado”, consultar: CESERANI, Giovanna. *Antiquarian Transformations in Eighteenth-Century Europe*. In: Alain Schnapp (Ed.). *World Antiquarianism. Comparative Perspectives*. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2013, p. 317-342.

⁷ É interessante apresentarmos outra interpretação da relação de Nietzsche com a história antiquária. Stephen Bann, historiador da arte, em nosso entendimento, comete alguns equívocos em sua análise acerca do ponto de vista nietzschiano de história antiquária, por isso achamos interessante trazê-lo como contraponto para este debate. Citaremos alguns desses equívocos e tentaremos explicar o nosso posicionamento acerca das questões apontadas. Bann toma Nietzsche como chave interpretativa de sua discussão sobre as relações entre História e Antiquarianismo, mas faz uma apropriação pobre dos tipos de historiografia que o filósofo alemão desenvolve em sua *II Consideração Intempestiva*. O autor inapropriadamente recorta a frase em que o filósofo alemão diz que o antiquário “respira um ar bolorento” e reduz a sua argumentação a essa única frase e à ideia forçada de que o antiquarianismo é uma experiência sensorial. O antiquarianismo não é uma simples questão de olfato, mas é, antes, uma questão psicológica. Este último é o sentido que Nietzsche atribui à sensibilidade antiquária de seu tempo. Bann fala ainda que seu objetivo é desenvolver a concepção nietzschiana de história antiquária comentando um exemplo específico: a vida e o trabalho do antiquário Bryan Faussett, de Kent. O autor utiliza uma expressão de Nietzsche na última parte de seu ensaio para tratar do problema do antiquarianismo, porém, outra vez, ele a recorta do restante do texto, comprometendo com isso o sentido que o filósofo abordou em sua obra. Explicamos: Bann fala da tábua entalhada, erigida por Faussett, antiquário de Kent, em 1769, no “pavilhão de fragmentos históricos”, que indicava o registro de sua paixão por colecionar. Nietzsche fala criticamente de historiadores que colecionam artefatos antigos e os expõem na galeria de honra e segurança da história. O autor também fala, em tom elogioso, que o objetivo de Faussett era preservar a tábua do “esquecimento e de mãos mais rudes”, por conta de seu “amor” à antiguidade. Nietzsche adota uma perspectiva completamente oposta a essa. Nietzsche de maneira alguma defende a ideia de resgatar os objetos de uma condição pesadamente decadente e reintegrá-los na galeria de honra e segurança da história. Bann pensa a historiografia científica, profissionalizada, como crítica da prática antiquária e Nietzsche como profundo admirador, como aquele que vê na atitude antiquária uma relação viva com o passado. Nietzsche, em nossa leitura, se o devolvermos a seu contexto, está associado à corrente do séc. XIX que vê o antiquário como um colecionador insaciável de coisas velhas e incapaz de distinguir entre o que importa e o que não importa preservar para a posteridade. Por fim, o autor não considera que cada um dos três tipos de história que Nietzsche apresenta em sua *II Consideração Intempestiva* se decompõe ainda em uso e abuso/habilidade e defeito e que Nietzsche declara ser a sua época doentia/decadente justamente porque o abuso se insinuou sobre o uso, o defeito se sobrepôs à habilidade. Tendo isso em vista, é possível perceber que Nietzsche se coloca como crítico do tipo antiquário de fazer e pensar a história. Sobre

Exporemos aqui apenas algumas das mais marcantes diferenças entre esses dois modos de *fazer* história. Talvez isso nos ajude a pensar os motivos pelos quais Nietzsche coloca o antiquário e o historiador em perspectivas completamente opostas. São estas: 1) O antiquário é alguém que estuda o passado, mas não pode ser chamado de historiador, porque a narrativa do historiador segue uma ordem cronológica, enquanto a do antiquário segue uma maneira sistemática (MOMIGLIANO 1950, 1990); 2) O historiador reconstrói o fato que serve para explicar determinada situação, enquanto o antiquário coleta todos os itens que estão relacionados a certo tema, quer sejam úteis ou não para o que se está querendo resolver (MOMIGLIANO 1950, 1990); 3) O antiquário é quase um “herói” da descrição e o seu trabalho de descrição não tem potencial sintético, ou seja, não tem como finalidade formular uma tese, enquanto o historiador é alguém que em parte faz descrição e em parte faz crítica e o seu trabalho tem potencial de sínteses, isto é, tem como finalidade fazer sínteses combativas (MILLER 2007, 2012); 4) O antiquário aprecia a classificação das evidências, a coleção é um dos seus ideais e seu mundo é considerado estático, enquanto que o historiador evita a classificação das evidências, a coleção está longe de ser um de seus ideais e seu mundo está em constante transformação (MILLER 2007, 2012); 5) O antiquário está preocupado com as minúcias e não com as questões de seu presente, enquanto o historiador despreza as minúcias e normalmente trata de assuntos relacionados ao seu presente (MILLER 2012); e 6) Os estudos antiquários não estão preocupados em apreender as contin-

os pontos criticados aqui, consultar: BANN, Stephen. *Clio em parte: sobre antiquariado e fragmento histórico*. In: *As invenções da história*. São Paulo: Unesp, 1994, p.129-153.

gências da vida humana, enquanto os estudos históricos devem ter como preocupação primordial a vida (MILLER 2012).

Em segundo lugar, o novo modelo de história que defendemos em Nietzsche, a que damos o nome de história genealógica, passa inevitavelmente pelo tipo de história antiquário e pelo tipo de história crítico. Nietzsche critica o modo de fazer história dos antiquários pela sua pretensão de fazer aparecer todas as continuidades nas quais se enraíza o presente (continuidades da língua falada, do solo, da cidade onde nasceu) e pela sua tarefa obstinada de recuperar relíquias de um passado muito fragmentário e já chamá-las de história. Porém, mesmo com essas críticas, Nietzsche evidencia os aspectos positivos dos antiquarianistas de conservar coisas para a posteridade e de conseguir ler textos quase apagados do passado. Já os aspectos enfatizados pelo tipo de história crítico, a saber, o esquecimento, a justiça e o rompimento com pedaços do passado, são os componentes básicos de uma história que reconhece que é impossível conhecer o passado em sua totalidade. Nosso trabalho de reconstrução do pensamento de Nietzsche implica uma articulação dessas formas de investigação do passado e seus aspectos positivos, traçando as suas distinções e preparando o caminho para uma forma alternativa de história, a história genealogicamente conduzida e que faz aparecer as descontinuidades que entrelaçam o presente. A novidade deste artigo é, precisamente, o modo com o qual analisamos, opomos e reconciliamos esses tipos de história que aparentemente estão em posições não concorrentes no pensamento de Nietzsche.

Por fim, um dos objetivos fulcrais deste artigo é, como já

falamos nas linhas anteriores, a proposição de um novo modelo de história em Nietzsche, o genealógico. Discutiremos isso em parte por meio do próprio método genealógico nietzschiano. Tal método exerce duas funções. Por um lado, ele é o ponto de partida da análise. Servir-nos-emos dele para conseguir investigar o conteúdo do passado na perspectiva dos dois tipos de história que selecionamos. Por outro lado, ele é o resultado da análise. É a própria história genealógica, um modelo original de história que resiste aos excessos da história antiquária e da história crítica e é, ao mesmo tempo, uma combinação delas, para além delas. Para entendermos a novidade dessa história que propomos, consideraremos também certa interpretação da concepção de método genealógico de Nietzsche, como a defendida por Foucault, um dos maiores conhecedores do pensamento do filósofo. Em seu clássico ensaio intitulado *Nietzsche, a genealogia e a história* (1971), Foucault distingue três modos de genealogia, a saber: a metodológica, a substantiva e a metafísica (FOUCAULT 2015; GOULD 2004). A sua intuição inicial é associar esses três modos de genealogia aos três tipos de investigação do passado pensados por Nietzsche: o monumentalista, o antiquarianista e o crítico. Para falar especificamente da originalidade da genealogia de Nietzsche, o filósofo francês destaca a terceira genealogia, a que resiste à metafísica, e a relaciona com o tipo crítico de investigação do passado (GOULD 2004)⁸. Foucault deixa entrever que o terceiro modo genealógico de Nietzsche é

⁸ É importante ressaltarmos aqui as contribuições de Rebecca Gould para os debates em torno das relações entre Antiquarianismo e História. Gould discute as imbricações entre o antiquarianismo de Momigliano e a moderna concepção de história a partir dos conceitos foucaultianos de “arqueologia do conhecimento” e “genealogia”, e faz isso com dois objetivos: 1) defender a originalidade e a pertinência das pesquisas do historiador italiano sobre essas temáticas; e 2) propor um modo alternativo de conhecimento do passado, unindo o método antiquário e o método genealógico. Na

especialmente útil para a investigação do passado porque não está preocupado em identificar a “origem” dos fatos, tal modo é contrário à naturalização do passado. Além disso, esse terceiro registro genealógico nietzschiano sugere que o texto do passado é cheio de emendas e ranhuras, frechas e fissuras que escondem, por baixo, sentimentos, ações errôneas, fatos, discórdia entre as coisas, conflitos de interesse, vitórias duvidosas, derrotas mal digeridas que precisam ser expostos e conhecidos (FOUCAULT 2015). O que Foucault nos ajuda a entender sobre essa difícil e nova história de Nietzsche é o seguinte: podemos continuar a pensar a história a partir desses três modelos de investigação do passado, que já mencionamos aqui, mas tais modelos não nos mostram, digamos como o historiador Paul Veyne, um estudioso do método de Foucault, a “parte oculta do *iceberg*”. Só com esse novo modelo de história que nos esforçamos para detectar a partir do método do filósofo francês é que é possível visualizar com alguma exatidão as muitas coisas que estão abaixo da “linha de visibilidade da história”, coisas essas que devem ser exploradas e explicadas e que não conseguíamos pensar até então. Se esses três modos se ocupam em conhecer o passado, o novo modelo que pensamos fará o mesmo. A diferença é que esse novo modelo se ocupará de algo que não se apresenta à nossa visão espontaneamente, ele se empenhará em mostrar os preconceitos, as reticências, saliências e reentrâncias inesperadas das criações da história e das quais

execução deste último objetivo, a autora utiliza como esteio teórico o clássico texto de Foucault sobre a história e a genealogia em Nietzsche. Ela foca no modo crítico de investigação do passado proposto pelo filósofo alemão e apropriado por Foucault para conseguir elucidar as contribuições dos estudos antiquários de Momigliano para os estudos históricos e para conseguir escavar arquivos textuais e gerar outro tipo de conhecimento do passado. Para aprofundamento dessas discussões, consultar: GOULD, Rebecca. Antiquarianism as Genealogy: Arnaldo Momigliano's Method. In: *History and Theory*, n. 53, May 2004, p. 212-233.

não estamos totalmente conscientes (VEYNE 2014). Foucault nos servirá, então, de esteio teórico no desenvolvimento e reconhecimento desse tipo alternativo de conhecimento do passado.

Dito isso, o nosso artigo organiza-se da seguinte maneira: a introdução traz observações a respeito da abordagem do trabalho, isto é, os componentes básicos que dão forma e sustento ao nosso trabalho de reconstrução do pensamento nietzschiano. O ponto 1 examina a crítica de Nietzsche à história antiquária do séc. XIX: suas principais ideias, sua função, seu método de conhecimento do passado e como os historiadores a praticam. O ponto 2 se volta para a aproximação de Nietzsche da história crítica. O ponto 3 conclui com uma análise de nossa tese sobre uma “história genealógica e afirmadora da vida” em Nietzsche. Explicaremos nossa tese a partir das reflexões de Nietzsche depositadas na *II Consideração Intempestiva* (1874) e na *Genealogia da Moral* (1887). Recorreremos a tais obras porque elas revelam o pensamento do filósofo sobre a história e a composição e utilização do seu método genealógico.

2. ANTIQUARIANISTAS E ERUDITOS: A COLEÇÃO DO FATO HISTÓRICO

Em sua segunda das quatro famosas considerações intempestivas, *Sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida*, escrita em 1873 e publicada em 1874, Nietzsche aponta três maneiras de usar a historicidade, a saber: a história monumental, a história antiquária e a história crítica. Nessa obra também, além de analisar as três formas de *praticar* a história no século XIX, Nietzsche especifica os motivos pelos quais o homem moderno se interessa pelo

conhecimento do passado: 1) ele é ativo e grandioso e, por isso, busca um fim para si nos grandes homens e exemplos do passado, cuja utilidade maior é demonstrar que a grandeza, antes alcançada, pode voltar e inspirar as ações no presente; 2) ele é piedoso e fiel à sua proveniência e, por isso, coleciona e venera objetos do passado, pois que acredita que servirão à sociedade vindoura e que a origem de tudo e as respostas para todas as questões estão no pretérito; e 3) ele sofre com a cegueira, os erros e imoderações da tradição e, por isso, deseja a libertação, desvencilhando-se de pedaços do passado. Na acepção de Nietzsche, também são três as espécies de homem que se interessam pelo passado: 1) o homem de ação e vigoroso, que tem olhos fitos no futuro, assim como o seu oposto, o homem inerte e fraco, que se interessa unicamente em repetir os feitos dos grandes homens e modelos do passado, porque não tem capacidade de produzir nada novo no presente; 2) o homem histórico, para quem o passado deve ser respeitado e reverenciado, porque a origem de tudo está no pretérito e tal origem explica e absolve a sua existência e a de seus antepassados; e 3) o homem a-histórico, para quem o presente é feito de cegueira, imoderação, falhas e paixões injustas provenientes da tradição, por isso o desejo de ruptura com pedaços do passado (NIETZSCHE 2005).

Na descrição que Nietzsche faz dessas três perspectivas de estudo do passado, ele deixa ver que nenhuma forma de história deve se sobrepor ou ser preferível às outras. No pensamento nietzschiano, a única forma de a história ser vista de maneira positiva é estando, sob certa medida, a serviço da vida, seja na forma monumental, antiquária ou crítica. Nesse sentido, ele afirma: "[... todo homem, todo povo precisa, segundo os seus fins, as suas forças e as suas carências,

possuir certo conhecimento do passado, tanto sob a forma de história monumental, quanto sob a forma tradicionalista ou sob a forma da história crítica" (NIETZSCHE 2005, p.98). De maneira contrária, qualquer um desses três modos de investigar e conceber o passado, em excesso, não engendra a vida, mas a envenena e a mata.

Concentrar-nos-emos, nesse primeiro ponto, no modo antiquarianista de *fazer* a história, enumerando suas virtudes, seus defeitos e seus objetivos, para depois falarmos dos efeitos de uma historiografia baseada apenas nesse modo de *praticar* a história.

A característica precípua da história antiquária e suas produções é, segundo Nietzsche, colecionar fatos do passado. Os antiquarianistas se voltam com admiração para o passado de onde se originaram e provieram apenas com intenção de conservar e venerar as condições nas quais nasceram para a sociedade vindoura. Eles transformam a história da sua cidade, de seu país, de sua nação em sua própria história e dela extraem a sua fortaleza e a sua alegria de viver. Outra característica desse tipo de história é conectar povos e raças à sua cidade, ao seu país e aos costumes de sua nação, fixando-os em um solo e fazendo-os abster-se de procurar e pleitear melhores condições de vida em outras localidades e pátrias distantes. Também é típico dessa forma de conhecimento histórico criar nos povos o sentimento de lealdade para com o seu passado, evitando que incorram na busca descontrolada e universal do atual, do contemporâneo e do sempre novo. Mais uma característica desse modelo de historiografia é dar ao homem uma origem, um legado, uma espécie de patrimônio de gerações anteriores, um passado que anistia e justifica a sua existência. Ainda outra caracte-

rística do modelo historiográfico antiquário é ter o faro apurado para traços quase apagados e a capacidade instintiva de ler o texto mais emendado do passado (os palimpsestos) (NIETZSCHE 2005).

Na visão de Nietzsche, no entanto, no século XIX, os antiquarianistas-eruditos fazem história de maneira equivocada, acumulando detalhes insignificantes e conferindo a todas as coisas o mesmo valor. Eles não estão preocupados com a “dignidade da história”⁹, isto é, eles não se importam com o que é digno e com o que não é digno de legar para a posteridade. Os antiquarianistas têm o defeito de avaliar o passado de que se ocupam, tanto as partes consideradas dignas de serem lembradas pelas gerações futuras quanto as partes menos dignas e rejeitadas, a partir da mesma escala de valores. Outro defeito da sensibilidade antiquária do século XIX é não reconhecer que não é capaz de reconstruir intuitivamente grandes totalidades e que seu campo de visão é sempre limitado a um horizonte reduzido; os fenômenos do passado com que se depara, quase todos, fogem-lhe em sua verdadeira e completa estrutura de fato total, e o pouco que ela apreende, ela o apreende sem precisão e de forma casual e fragmentária. Também é um defeito dos antiquários,

⁹ É interessante esclarecermos aqui de onde retiramos a expressão “dignidade da história” para pensarmos as relações de Nietzsche com o Antiquarianismo. O historiador Peter Burke é quem utiliza essa expressão quando ensaia uma discussão sobre as conexões entre o movimento antiquário dos séculos XVI e XVII e as práticas da antropologia social ou cultural do século XIX. Apesar de o autor sinalizar o problema da “dignidade da história” nos estudos antiquários e não o explorar adequadamente, a ideia é fecunda porque nos remete à discussão da tradição humanista do pensamento europeu sobre o que é digno e o que não é digno de ser lembrado pela posteridade. Burke coloca que essa discussão era um obstáculo para o estudo das partes menos dignas do passado, como a vida cotidiana ou os atos de pessoas consideradas comuns, pois que eram rejeitadas com base no pensamento de que tais atividades não eram “dignas de serem lembradas” pela sociedade vindoura. Acreditamos que Nietzsche pertence autêntica e profundamente à tradição humanista e, nesse sentido, muito provavelmente, entrou em contato com essas discussões. Sobre esse tema, consultar: BURKE, Peter. From Antiquarianism to Anthropology. In: PETER, Miller N. (Ed.). *Momigliano and Antiquarianism. Foundations of the Modern Cultural Sciences*. Toronto: University of Toronto Press, 2007, p. 229-247.

como eles não têm qualquer escala de valor, acomodar tudo o que é antigo e passado, o que está ao alcance de sua visão, e cobrir com um véu de uniformidade e de veneração, ao mesmo tempo em que tudo o que é novo e está em vias de nascer e florescer, é reprovado e descartado. Outra falha do tipo antiquário de história é a fúria cega de colecionador, empenhado em juntar tudo o que é velho e sem importância vital. Os antiquarianistas rebaixam as mais nobres necessidades a uma curiosidade insaciável e a uma paixão universal por tudo o que tem a alcunha de antigo. Mais um problema dos antiquários é que eles só sabem conservar a história, mas não sabe engendrá-la. A história não possui qualquer instinto divinatório para eles. Ainda outro limite da história antiquária é que ela suscita no homem o sentimento de piedade por tudo o que envelheceu, paralisando as suas ações. Nesse sentido, a sensibilidade antiquária e erudita do século XIX é um tipo de conhecimento que coleciona fatos com intenção de fazer reviver sentimentos e estados de espíritos do passado, e por isso é um saber que sufoca a vida e a mata (NIETZSCHE 2005).

Tendo isso em vista, Nietzsche sugere que a paixão pelo antigo e, conseqüentemente, a veneração do passado desencadearam na historiografia do século XIX dois problemas, pelo menos, a saber: primeiro, um espírito de colecionador insaciável, que diligentemente junta tudo o que é pequeno, insignificante e velho como se já fosse a própria história, de forma que o que é novo, o que está em vias de florescer, é recusado e esquecido como se não tivesse importância histórica; segundo, um sentido histórico que não mais preserva, mas mumifica a vida, sufocando-a progressivamente, tal como acontece com uma árvore que, contra a sua natureza, começa a morrer pelo topo e termina com suas raízes mortas

também (NIETZSCHE 2005).

3. CRITICIDADE E ABERTURA DO HORIZONTE HISTORIOGRÁFICO

Além da forma antiquária de investigar o passado, Nietzsche fala de outro modo, o crítico. Debruçar-nos-emos, nesse segundo ponto, sobre o modo crítico de *fazer* a história, pontuando suas virtudes, suas falhas e seus objetivos, para depois discutirmos os efeitos de uma historiografia baseada apenas nesse modo de *praticar* a história.

O que especifica esse modo de história é, segundo Nietzsche, ter a força para quebrar partes do passado e possibilitar a abertura do horizonte historiográfico. Essa força puxa o passado para diante da justiça, interroga-o, julga-o e, finalmente, condena-o. Mas não é a justiça comum que profere sentenças contra o passado, também não é uma espécie de favor imerecido que pronuncia o veredito final. A justiça que opera aqui é a própria vida, esse “poder obscuro, arrebatador, insaciavelmente sedento de si mesmo” (NIETZSCHE 2005, p.96). A vida é que tem força suficiente para viver e ao mesmo tempo esquecer. Sua divisa é a fórmula de Goethe “tudo o que nasce merece morrer” (NIETZSCHE 2005, p. 96). A vida é, portanto, a única potência responsável por aniquilar o que a impede de se desenvolver e de fixar o futuro. Só a vida tem capacidade para julgar o que merece e o que não merece viver, ou seja, “o quanto é injusta a existência de um dado objeto, de um privilégio, de uma casta, de uma dinastia, o quanto tudo isso merece desaparecer” (NIETZSCHE 2005, p.97). Outra característica desse modo de historiografia é reconhecer que somos herdeiros de gerações anteriores, somos filhos de seus

desregramentos, de suas paixões, de suas falhas e de seus crimes, e não é possível nos livrarmos integralmente dessa cadeia. Podemos criticar essas falhas e até pensar que estamos livres delas, mas nunca deixaremos de ser seus continuadores. Essa forma de história é útil porque consegue identificar quando o homem está sufocado pela tradição, então ela se encarrega de criar uma espécie de “segunda natureza” como condição de sobrevivência. Só que essa segunda natureza é mais fraca do que a primeira e tem o defeito de se transformar, de novo, numa primeira natureza e, quando ela triunfa, examina todo o passado com olhar crítico e, sem piedade, destrói as próprias raízes. No entanto, essa transformação da segunda natureza em primeira não ocorre sem conflito. A natureza herdada da tradição entra em disputa com o conhecimento do passado, a segunda natureza mata a primeira e ocupa o seu lugar, e assim acontece sempre. O consolo do historiador crítico é, portanto, saber que esse ciclo nunca será interrompido, pois a primeira natureza, a natureza forte da tradição, sempre será uma segunda natureza, uma natureza fraca, e a segunda natureza, que é fraca mas que venceu a primeira natureza e se tornou forte, sempre se transformará numa primeira natureza, que será de novo substituída pela segunda natureza, e assim sucessivamente (NIETZSCHE 2005).

Nesse sentido, a historiografia baseada apenas nesse tipo de história crítica desencadeia dois problemas, a saber: primeiro, ela não consegue fixar um limite entre a parte do passado que merece ser esquecida e a parte que merece ser lembrada; segundo, ela contenta-se em conhecer a justiça, sem vivê-la; conhecer o que é bom, sem praticá-lo (NIETZSCHE 2005).

Por fim, a história antiquarianista está relacionada à história crítica. Enquanto a função da primeira é conservar o passado em sua totalidade, a da segunda é quebrar partes do passado e abrir o horizonte historiográfico para que ele não sufoque a vida. Esta última rompe com o passado como condição de sobrevivência e, ao passo que o faz, preserva partes desse mesmo passado para aqueles que nascerão. Assim, mesmo tendo de ser quebrado, o passado continua com sua função de conservar partes para a sociedade por vir, e essa mesma parte conservada ajuda aos homens quando estes precisam de orientação e de conhecimento da própria história. Nos dois casos apresentados, o passado é conservado e aniquilado, e tudo isso em função da vida.

4. FILOLOGIA, GENEALOGIA E NOVA HISTÓRIA DOS VALORES

Nietzsche lança as bases para sua nova concepção de história, que denominamos de genealógica e afirmadora da vida, em sua *Genealogia da Moral* (1887). Nessa obra polêmica, ele revela sua *vontade fundamental* de conhecer “a origem dos nossos preconceitos morais” (NIETZSCHE 1998, p.8). No entanto, ele não faz mais uma reflexão sobre a história, buscando atingir o necessário e o universal, como inúmeros pensadores anteriores, mas uma “filosofia histórica”, isto é, uma filosofia que nos mostra a realidade histórica do que até então parecia atemporal. Ele está em busca de respostas históricas para as questões: “Sob que condições o homem inventou para si os juízos de valor bom e mau? E que valor eles têm?” (NIETZSCHE 1998, p.9). A nova história de Nietzsche não é mais uma tendência ou forma particular e frágil de pensar a história, mas uma prática, uma nova maneira

de conhecer o passado e de *fazer* história.

Em que sentido Nietzsche aborda, de maneira nova, a história? Como se define, portanto, a nova história valorativa de Nietzsche? Podemos citar 5 pontos de referência, que, no nosso entender, estão presentes, embora implicitamente, no pensamento de Nietzsche: 1º) em primeiro lugar, a nova história de Nietzsche se concebe contra outra história: a história de Nietzsche não é a de Ranke; Nietzsche opõe-se à história científica, imparcial e objetiva de Leopold von Ranke. Nietzsche critica Ranke por sua cientificidade e vontade de ver as coisas “como elas realmente são” e por este ser o maior representante da poderosa corrente historicista que se desenvolveu na Alemanha à época (NIETZSCHE 2005, p.69). Ora, diante dessas duas críticas, lançamos uma hipótese, que consideramos pertinente e que, se observarmos bem, contribui para explicação das duas críticas precedentes e para delineação da história que atribuímos a Nietzsche: supomos que Nietzsche seja defensor de uma história perspectivista, um modelo de história que privilegia a interpretação da existência e do mundo ao redor a partir de pontos de vista específicos, história à qual Ranke não poderia estar associado, porque este defende um conhecimento científico, que partilha das doutrinas objetivistas ou positivistas e que acredita que o intelecto consegue descortinar e conhecer uma realidade tal como ela é, existente em si e por si mesma. Acreditamos que Nietzsche volta-se contra Ranke e valoriza uma história perspectivista, precisamente porque, em seu entender, esse tipo de história com caráter interpretativo e plural não busca, em todas as coisas, o universal, reduzindo com isso a diversidade à unidade, como o faz a história científica. Se, para alguns pesquisadores de Nietzsche, é pouco

provável que ele tenha se voltado para uma história que defende uma espécie de subjetivismo, para nós, pelo contrário, a hipótese é possível, sobretudo se consideramos que seu pensamento enfatiza a dimensão mutável e temporal da vida. Essa é, com efeito, a primeira referência que nos credencia a falar de uma nova abordagem da história em Nietzsche; 2º) em segundo lugar, o método filológico de Nietzsche não é o de Ulrich von Wilamowitz-Möllendorf, que se restringe à pesquisa e à análise de fragmentos isolados de documentos antigos transmitidos pela tradição (MACHADO 2005). É, tendo em vista os limites do método de Wilamowitz-Möllendorf, e, sobretudo, numa perspectiva de renovação metodológica, que Nietzsche vai buscar o método crítico e hermenêutico da *ciência da antiguidade* e o aperfeiçoar à sua maneira, tornando-o capaz de perceber diferenças mais sutis, adulterações e variações mais complexas, tanto de textos de épocas passadas quanto de textos de épocas mais próximas, que aquelas concebidas, normalmente, pelo método filológico tradicional. A filologia de Nietzsche é como “a arte de ler bem, de saber distinguir os fatos, sem os falsear com interpretações, sem perder, no desejo de compreender, a precaução, a paciência e a delicadeza” (NIETZSCHE 2000, p.91); 3º) a terceira referência se une à precedente: em sua *Genealogia da Moral*, Nietzsche faz uma crítica histórica à história da moral e ao utilitarismo inglês, questiona as ideias de Paul Rée e rejeita o procedimento utilizado por este para historicizar a moral, instituindo, assim, uma historicidade original, a genealógica (NIETZSCHE 1998, p.10). Sobre isso, Deleuze observa que Nietzsche, ao instaurar o seu procedimento genealógico, faz uma espécie de “inversão crítica”, isto é, ele deixa de lado a

noção de “origem” e torna operatórias as noções de “sentido” e de “valor”, para empreender uma crítica total, para fazer uma “filosofia a marteladas” (DELEUZE 1976). Em Nietzsche, o conceito de valor adquire um significado original. Ele expressa esta *nova exigência*:

Necessitamos de uma *crítica* dos valores morais, *o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão* – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral com consequência, como sintoma, máscara. Tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE 1998, p.12).

Nietzsche quer fazer uma avaliação da criação, do nascimento, da proveniência e do estabelecimento dos valores “bom” e “mau”, “bom e “ruim”, a fim de mostrar que “se toma o valor desses valores como dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento” (NIETZSCHE 1998, p.12). A genealogia de Nietzsche, muito pelo contrário, desempenha o papel da história crítica e reivindica o *cinza* dos arquivos, da coisa documentada, para evitar se perder no *azul celeste* dos ideais inventados (NIETZSCHE 1998, p.13). O procedimento genealógico nietzschiano aponta para uma análise das profundezas, como argumenta Foucault em seu famoso texto *Nietzsche, a genealogia e a história* (1971), para o que está por trás do ato de valorar e para a avaliação que determina o valor dos valores. Em suma, o método genealógico nietzschiano procura saber o que move uma determinada avaliação e qual é o ponto que determina o seu valor. O problema da avaliação é, pois, o aspecto principal para entender o estabelecimento e a manutenção do valor de um valor e sua relação com a elevação e o bloqueio da vida; 4º) a quarta referência se une à terceira: a crítica à

história da moral não pode ser feita sem pôr em questão o próprio conceito de verdade. Observamos que, para o Nietzsche da maturidade, o problema todo é gerado a partir do momento em que a ciência opõe-se à metafísica e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, “repousa numa crença, que não existe ciência sem pressupostos” (NIETZSCHE 2001, p.235). Aqui, Nietzsche nos faz ver que a moral é que impulsiona dissimuladamente o procedimento científico dos modernos, deixando com isso o conceito de verdade intacto. Para ele, o problema da ciência moderna é que, ao negar convicções diferentes em nome da verdade, ela deixa de fazer dois questionamentos fundamentais para que a moral venha ao chão: “De onde provém a vontade de verdade?” e “Qual o valor da verdade?”. Segundo ele, sem operar com essas duas questões é impossível que a ciência deixe de buscar a verdade absoluta e universal; e 5º) a quinta referência é o resultado das anteriores: Nietzsche é o criador da história genealógica e afirmadora da vida. Eis o que, por último, nos empenharemos em demonstrar.

A nova história de Nietzsche reúne elementos da história antiquária e da história crítica e está, ao mesmo tempo, para além delas. O elemento da história antiquária que Nietzsche incorpora para criar a sua nova história é o fino faro dos historiadores antiquários para traços quase apagados e a competência que eles têm para ler o texto mais emendado do passado (os palimpsestos). Nietzsche critica a história antiquária do século XIX, mas, ao mesmo tempo, aproxima-se dela, como estrategista perspicaz que é, para se apoderar do seu método de leitura de textos transmitidos pela tradição. Retendo esse aspecto peculiar dos historiadores antiquaristas, Nietzsche passa a identificar o seu método filológico com o método antiquário que se torna, então, um poderoso

instrumento para leitura do texto da moralidade e, sobretudo, contra os valores morais. O elemento que ele adiciona da história crítica é a noção de justiça como uma potência vital capaz de arrastar o passado e colocá-lo diante de um tribunal para interrogá-lo e condená-lo como condição de sobrevivência. Ele lança mão desse elemento da história crítica porque o trabalho dos historiadores antiquários resume-se a coligir textos sobre um passado remoto e a passar a vista em busca de intervenções que alteraram os documentos originais, mas isso sem realizar uma interpretação deles. Ademais, esse é um dos motivos que o levaram a criticar a história antiquária e a sugerir uma história crítica como saída para decomposição e hermenêutica do texto do passado. Ulteriormente, esse aspecto da história crítica permitirá que Nietzsche faça o questionamento da gênese, da imposição e da manutenção dos valores morais modernos. Nietzsche fará desse elemento crítico um mecanismo que será usado contra a prática dos metafísicos de obliterar o texto do passado com falsas interpretações. Ao praticar essa nova história, Nietzsche almeja também, arriscamos dizer, estabelecer uma verdade, científica e não dogmática, sobre essas questões. Mesmo diante das evidências da impossibilidade de alcançar a verdade, defendemos essa tese, precisamente porque Nietzsche percorre o campo da moral e dos valores e faz uma pesquisa científica, ele levanta documentos, ele investiga fatos, ele procura evidências que atestem o começo, o estabelecimento e a manutenção dos valores morais. De certa forma, ele reconstrói, com os instrumentos da própria ciência histórica, isto é, fixando-se em documentos e fatos, alguma coisa que podemos chamar de “verdade”. E ele estabelece essa alguma coisa que chamamos de verdade

como um mecanismo para que o homem acredite no problema da moral e dos valores e como elemento essencial à manutenção da vida. Ora, para concluirmos, a contrapelo da tradição filosófica, a nova abordagem da história que defendemos em Nietzsche, nos termos em que a colocamos e que indicam uma dimensão antropológico-cultural, não faz oposição entre reflexão e vivência, já que ela mesma é um tipo de saber que visa afirmar a vida em todas as circunstâncias. Nesse sentido, poderíamos pensar assim, ciência e vida são como que autônomas e relacionais. Uma precisa da outra para subsistir. A ciência não é um conhecimento em busca do semelhante e de leis eternas e universais, nem um saber em busca de desvelar e revelar verdades absolutas e dogmáticas, mas um conhecimento que valoriza a vida diferente e singular, um saber que absorve a contingência da vida e trabalha para apreender efetivamente a sua complexidade e promover a sua afirmação, sem com isso deixar de ser rigoroso, sistemático e documentado. A vida aceita o favor da ciência e serve de objeto para a ciência, sem com isso deixar de ser livre, espontânea e circunstancial.

Finalmente, a tese que pretendemos sustentar, neste artigo, tomando como base a discussão acima, é que Nietzsche é um opositor do antiquarianismo, um defensor da história crítica e o criador de uma nova concepção de história, do tipo genealógico e afirmador da vida.

Abstract: The most encompassing aim of this paper is to test Nietzsche's critique of antiquarianism and its relation to genealogy. In the first place, we shall deal with Nietzsche's critique of nineteenth-century erudition and antiquarian history and its focusing on the philosopher's thought, where history appears not as a mere activity of erudition and antiquary inquiry, but as knowledge put at the service of life. After dwelling on the idea that Nietzsche is an opponent of antiquarianism, it argues about his defense of the critical history model, which emphasizes notions of forgetfulness, justice, and the breaking away with shreds of the past. In the sequence, it tries to sketch an

analysis of the argument that structures all the article, that is, that Nietzsche's displacement of questions - that come and go, but are manifested by forms of writing and research seen within the antiquarian model still practiced in his time and directed towards a critical record – provides, as a plausible alternative, the creation of a new registry of the values that it is referred here according to our own terms, as the genealogical and life-affirming history.

Keywords: Antiquarianism. Critical History. Genealogical and Life-Affirming History.

REFERÊNCIAS

BANN, Stephen. Clio em parte: sobre antiquariado e fragmento histórico. In: *As invenções da história*. São Paulo: Unesp, 1994, p.129-153.

BURKE, Peter. From Antiquarianism to Anthropology. In: PETER, Miller N. (Ed.). *Momigliano and Antiquarianism. Foundations of the Modern Cultural Sciences*. Toronto: University of Toronto Press, 2007, p. 229-247.

CESERANI, Giovanna. Antiquarian Transformations in Eighteenth-Century Europe. In: Alain Schnapp (Ed.). *World Antiquarianism. Comparative Perspectives*. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2013, p. 317-342.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: MACHADO, Roberto (Org.). *Microfísica do poder*. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2015, p. 55-86.

GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

GOULD, Rebecca. Antiquarianism as Genealogy: Arnaldo Momigliano's Method. In: *History and Theory*, n. 53, May 2004, p. 212-233.

JENSEN, Anthony K. *Philosophy of History*. New York: Cambridge University Press, 2013.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Ancient History and the Antiquarian. In: *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*. Vol. 13, n. 3/3, 1950, p. 285-315.

_____. *The Classical Foundations of Modern Historiography*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1990, p. 48-79.

MACHADO, Roberto (Org.). Introdução: Arte, ciência, filosofia. In: *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Tradução e notas de Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 7-34.

MILLER, Peter N. Introduction: Momigliano, Antiquarianism, and the Cultural Sciences. In: PETER, Miller N. (Ed.). *Momigliano and antiquarianismo. Foundations of the Modern Cultural Sciences*. Toronto: University of Toronto Press, 2007, p. 3-65.

_____. *Peiresc's Orient. Antiquarianism as Cultural History in the Seventeenth Century*. Routledge, 2012, p. 1-36.

NIETZSCHE, Friedrich. II Consideração Intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da História para a vida. In: SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. *Escritos sobre História*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O Anticristo*. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2000.

VEYNE, Paul. Foucault revoluciona a história. In: *Como se escreve a história*. Tradução: Alda Baltazar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2014, p. 237-285.